

TRADUÇÃO

O CARMA E O PROBLEMA DO MAL: UMA RESPOSTA AOS CRÍTICOS*

WHITLEY KAUFMAN**

POR: GABRIEL REIS DE OLIVEIRA***

Meu objetivo em “O Carma, a Reencarnação e o Problema do Mal” era estimular a discussão sobre o carma e a reencarnação como uma solução para o problema do sofrimento inocente no mundo. Como tal, agradeço a oportunidade de ouvir críticos como Chadha e Trakakis e estou feliz em tentar uma resposta.¹ Em sua crítica, eles tentam me retratar como ignorante das muitas sutilezas e refinamentos precisos da filosofia do carma e, portanto, incapaz de julgá-la. Entretanto, como declarei em meu artigo original, meu propósito não é apresentar uma síntese historicamente baseada na doutrina do carma e da reencarnação, mas sim tentar, usando a interpretação mais caridosa possível e não estando rigidamente vinculado às tradições ou textos doutrinários, uma reconstrução ativa do melhor caso para uma teodiceia sistemática baseada no carma, a fim de ver se ela pode

* (2007). “Karma, Rebirth, and the Problem of Evil: A Reply to Critics”. *Philosophy East and West* 57 (4): 556–560. A tradução foi possível graças ao apoio de uma bolsa da Fundação John Templeton, concedida através do Global Philosophy of Religion Project (GPRP).

** Department of Philosophy, University of Massachusetts, Lowell.

*** é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre pelo programa de pós-graduação em Lógica e Metafísica da UFRJ (PPGLM/UFRJ). E é doutorando no programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Email: reisgabri@gmail.com

¹ Permitam-me, no entanto, expressar o desejo de que o debate não desça a uma mesquinhez insignificante. Esses críticos apontam corretamente um erro no artigo original: em um ponto dentro de uma observação entre parênteses, eu inadvertidamente coloquei os termos “mal moral” e “mal natural” na ordem errada. Eles declaram isso como um “erro indesculpável”. Espero que o sistema cármico, se ele existe, não seja tão imperdoável! Minhas desculpas pelo erro.



explicar com sucesso a origem do mal. Mas eu também sugeriria que, muitas vezes, há uma certa vantagem em ter uma perspectiva imparcial sobre um assunto, uma vez que alguém que está muito envolvido com o assunto pode falhar em atingir a objetividade sobre ele e estar sujeito à aceitação dogmática de doutrinas, mesmo quando elas desafiam o bom senso. Mas deixe o leitor decidir: apresentarei brevemente minhas reações às críticas deles às minhas seis principais objeções ao carma e a reencarnação.

O PROBLEMA DA MEMÓRIA

Argumentei que é um princípio básico de justiça que se deve, em geral, ser informado sobre o que se está sendo punido e por quê; na verdade, esse conhecimento parece essencial para o processo de educação moral. Mas o sistema cármico não nos fornece esse conhecimento. As respostas dos críticos são decepcionantes.

Primeiro, eles distorcem a objeção em uma “demanda irracional por correlações precisas entre os atos ruins no passado e os sofrimentos consequentes no futuro”. Na verdade, o problema não é meramente a falta de correlações *precisas*, mas de qualquer correlação. Não tenho conhecimento de um único exemplo histórico verificado de alguém tendo uma memória de seus atos em uma vida passada apresentada como explicação para o sofrimento presente. De qualquer forma, por que a demanda por uma correlação precisa não é razoável? Não é exatamente isso que exigimos quando os pais punem os filhos ou quando a sociedade pune os criminosos?

Sua segunda resposta é simplesmente a insistência dogmática de que se deve simplesmente ter fé: o carma nos diz que nossos sofrimentos atuais estão correlacionados com atos passados, e esse é o fim da discussão. Deve ser suficiente saber que se está sendo punido por um erro não especificado cometido em um tempo e lugar não especificados, porque é isso que o carma diz. Isso, é claro, é simplesmente ignorar a objeção e se recusar a aceitar a possibilidade de que o carma possa não ser uma explicação ideal para o sofrimento humano.

O PROBLEMA DA PROPORCIONALIDADE

O princípio da proporcionalidade amplamente aceito estabelece que a punição deve ser proporcional ao crime. Mas parece implausível que pessoas tenham cometido crimes tão horríveis em vidas passadas para merecer os tipos de sofrimentos horríveis que são muito comuns na vida humana. Assim, o carma parece violar o princípio da proporcionalidade.

Em resposta, primeiro, eles tentam fugir da pergunta por uma direção errada, questionando o teísmo versus um mecanismo cósmico impessoal. Mas a justiça requer proporcionalidade, não importa se existe um Deus pessoal ou um mecanismo impessoal por trás do sofrimento humano.

Em seguida, eles reconhecem a regra da proporcionalidade, mas insistem que ela é, de fato, satisfeita pelo carma. As pessoas que sofrem terrivelmente devem realmente ter sido horrivelmente sádicas, brutais e nazistas em vidas passadas. Mas este é apenas o meu ponto: tal afirmação é altamente duvidosa. Mesmo um conhecimento superficial da história e da natureza humana torna simplesmente implausível que tantas pessoas pudessem ter sido tão más.² Mais uma vez, parece um caso em que uma convicção *a priori* de que o carma é verdadeiro pode nos levar a uma concepção distorcida da realidade.

O PROBLEMA DO REGRESSO INFINITO

Não há dúvida de que a crença no livre arbítrio radical conseguiria evitar um regresso na explicação da origem do mal. No entanto, essa não é uma explicação melhor do mal do que a do Cristianismo e a doutrina da Queda. Assim, as preocupações levantadas sobre a doutrina da Queda se aplicam igualmente ao carma. John Hick, por exemplo, questionou a coerência da ideia de que os humanos criam o mal *ex nihilo*. Lembrando, meu objetivo não é mostrar que o carma é uma explicação pior do que a do cristianismo, mas apenas que ele não é demonstravelmente melhor.

² Ou que grupos particulares são muito piores do que outros: todos os africanos que foram escravizados foram realmente tão maus em vidas passadas que mereciam a escravidão mais do que as outras raças? Os judeus na Alemanha nazista foram muito piores em vidas passadas do que todos os outros?

O PROBLEMA DE EXPLICAR A MORTE

Os críticos simplesmente afirmam que, de acordo com a doutrina do carma, a morte não é um mal, portanto, “não precisamos dar conta dela”. Deixo para o leitor decidir se essa é uma explicação satisfatória da razão pela qual os seres vivos têm que morrer e porque a morte é tão frequentemente difícil e dolorosa. A propósito, há outro problema levantado aqui: se a morte não é inequivocamente um mal, então por que matar deve ser considerado um erro moral? O estudioso hindu Franklin Edgerton aponta uma estranheza perturbadora do *Gita*: ele é forçado a minimizar o ideal moral da *ahimsa* ou da não-violência a fim de justificar o assassinato na guerra.³

Uma afirmação relacionada feita pelos críticos é que deixei de “apreciar” a visão hindu/budista de que a vida nada mais é do que “sofrimento e miséria”. Mas eu afirmo que, para qualquer pessoa razoável, essa afirmação é evidentemente falsa. Como qualquer pessoa pode atestar, a vida não é apenas sofrimento e dor, mas também cheia de felicidade e prazer (eles estão negando que o prazer e a alegria existem?). Uma teodiceia de sucesso deve dar conta do mundo tal como ele é, e não pintar um quadro distorcido do mundo para que ele se encaixe na teoria.

O PROBLEMA DO LIVRE ARBÍTRIO

O problema aqui é simples: alguém é livre para executar o mal genuíno, ou seja, para prejudicar os inocentes, produzindo sofrimento imerecido? Se for, então realmente existe sofrimento imerecido no mundo, em contradição com as afirmações da filosofia do carma. Se não for assim, então isso parece ser uma restrição severa ao livre arbítrio, na verdade uma negação da possibilidade de qualquer pecado. Os críticos tentam responder com um argumento duvidoso sobre quem tem o papel e a responsabilidade adequados para distribuir o sofrimento. Eles parecem endossar a opinião de que o pior pecado possível que se pode cometer é assumir indevidamente o papel de administrar uma punição justificada para um malfeitor, em vez de deixá-la ao carma para administrar. Se assim for, essa é uma visão muito estranha. Isso implica que o que estava errado sobre o

³ Franklin Edgerton, *The Bhagavad-Gita* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1972), p. 185.

ataque de 11 de setembro – ou qualquer crime – não foi que pessoas inocentes foram mortas (todos os que morreram, aqueles nos prédios e nos aviões, mereciam, de acordo com o carma, exatamente o que receberam), mas que as pessoas erradas fizeram o trabalho sujo. A única coisa errada sobre o que a Al Qaeda fez, segue-se, foi que “não era [deles] o papel de executar a punição”. Na verdade, eles afirmam que o dano não deve ser administrado por malfeitores, mas por um “processo impessoal”. Mas o que exatamente isso significa? Que a destruição dos aviões e edifícios em 11 de setembro foi supostamente realizada por um raio ou alguma outra força natural? Os seis milhões de judeus na Alemanha nazista deveriam ter morrido com gás por algum processo natural impessoal, e não pelos nazistas?

Além disso, essa é uma visão estranhamente restrita do livre arbítrio, em que somos impedidos de prejudicar pessoas inocentes e, ainda assim, não somos impedidos de proporcionar indevidamente punição justificada a pessoas culpadas. Também parece contradizer a afirmação mais forte sobre o livre-arbítrio que eles endossam em outra parte do artigo. O dilema permanece.

O PROBLEMA DA VERIFICABILIDADE

Como eu disse em meu artigo original, a religião não deve ser considerada no mesmo nível de verificabilidade que as afirmações da ciência. No entanto, reivindicações religiosas que são total e completamente não verificáveis nesta vida, mas que têm sérias consequências práticas para esta vida, podem estar sujeitas a abusos perigosos. A principal evidência disso é o uso do carma para justificar o opressivo sistema de castas na Índia. Alegadamente, os intocáveis na Índia originalmente resistiram às tentativas de Madre Teresa de melhorar sua situação, pois isso poderia interferir em seu progresso cármico.

A resposta dos críticos é insistir que o carma é realmente verificável e falseável, mas só depois da morte – não é muito útil para nós aqui e agora! Também é, eles afirmam, verificável em princípio, uma vez que é logicamente possível que qualquer um de nós possa ser repentinamente “milagrosamente transportado para um nível superior de consciência”, onde vemos o carma verificado. É verdade, mas é claro que também é totalmente inútil. Além disso, por esse padrão, *qualquer* teoria, não importa o tipo, seria

verificável, tornando a própria ideia de verificabilidade sem sentido. Finalmente, quanto à questão do poder preditivo da teoria, sua analogia com a relação entre fumar e câncer de pulmão é bastante mal escolhida. A conexão causal entre os dois foi apenas uma hipótese até que foi de fato verificada por estudos epidemiológicos. Não tenho conhecimento, entretanto, de qualquer estudo semelhante que teste o poder preditivo do carma. Mais uma vez, o que esses críticos estão dizendo é simplesmente que, se a doutrina do carma afirma ter poder preditivo, essa é toda a evidência de que precisam. Não há, é claro, um único exemplo verificado na história registrada de uma previsão bem-sucedida feita com base na causação cármica.

Deixe-me resumir minha principal preocupação com o sistema do carma e da reencarnação desta forma. A grande atração do sistema do carma é a garantia de que estamos completamente no controle de nosso próprio destino, de que tudo o que acontece conosco é uma consequência previsível de nossas próprias escolhas. Embora signifique que somos prisioneiros de nosso passado, também significa que o futuro está inteiramente sob nosso controle. Sem dúvida, essa característica do carma é uma fonte de seu grande atrativo. Mas essa promessa vem a um grande preço. Ela implica que não existe sofrimento inocente, que todos recebem exatamente o que merecem. Mas então não pode haver obrigação moral de ajudar os outros em perigo, de proteger, de resgatar, de realizar atos de caridade, ou mesmo de sentir compaixão por alguém que sofre. A maioria das outras teodiceias começa com a aceitação de que existe algo como sofrimento inocente, que como seres humanos não temos um controle divino sobre nosso destino, mas somos seres frágeis, vulneráveis, muitas vezes necessitados da ajuda de outros. A implicação é uma profunda obrigação moral de ajudar os necessitados, de sentir compaixão e piedade por aqueles que sofrem. Em contraste, o carma eleva a ideia de “culpar a vítima” a um princípio sistemático. A questão em jogo é qual relato é mais plausível, a ideia de que todos estão recebendo exatamente o que merecem e, portanto, não devemos interferir com o esquema punitivo cósmico, ou a ideia de que existe sofrimento genuíno e imerecido no mundo, e que é nosso dever ajudar a reduzir a miséria e a dor no mundo?